

Mitterrand admite a mudança de critério na discussão de dívida

REALI JÚNIOR
Nosso Correspondente

PARIS — Ao dar seu aval ao projeto de conferência internacional para discutir especificamente o problema da dívida africana, o presidente François Mitterrand talvez não tenha avaliado o perigoso precedente histórico que estava abrindo, passando a admitir o princípio de negociação global e política da dívida externa dos países desse continente, o que poderá ser reivindicado também por outros países devedores, principalmente os da América Latina.

Isso explica a reação crítica não apenas dos banqueiros comerciais franceses, mas também de tecnocratas da própria direção do Tesouro da França, que temem que isso poderá custar muito caro ao país. Lembra-se o propósito que a estrutura da dívida externa africana não é a mesma da América Latina, sendo que a maior parte dos créditos não é de bancos comerciais, mas sim do governo e de organismos internacionais, como o FMI e Banco Mundial.

Na África, os bancos nacionalizados e o próprio Estado francês estão fortemente envolvidos com as dívidas de grande número de países. Para que se tenha uma idéia, os créditos públicos e privados franceses variam entre 60 e 90% da dívida externa de certos países africanos.

Isso explica a reação de técnicos do Tesouro francês, mesmo porque é a direção do Tesouro que se reporta à direção do Clube de Paris, organismo que orienta o reescalonamento das dívidas públicas dos países, após sinal verde do FMI, mas que estabelece que elas devem ser feitas direta e isoladamente pelos interessados, isto é credor e devedor.

A surpresa dos técnicos do Tesouro se explica, pois nos últimos tempos áreas financeiras oficiais e os bancos comerciais franceses vinham insistindo para evitar toda tentativa de discussão global da dívida ou com um grupo de países devedores, che-

gando mesmo a criticar o Plano Baker que pretendia beneficiar cerca de 15 países devedores previamente selecionados.

Ora, os franceses insistiam na necessidade de se discutir caso por caso e não buscar soluções globais para um conjunto de países, como se pretende com uma conferência internacional para discutir a dívida africana. Os funcionários franceses estão convencidos de que isso poderá comprometer os mecanismos de reescalonamento, país por país, praticados na área do Clube de Paris.

Os técnicos do Tesouro pretendiam minimizar o aval do presidente Mitterrand à proposta de conferência do presidente Diouf, do Senegal. Esses setores consideravam que a posição francesa não havia sofrido nenhuma alteração, mas ontem o Palácio do Eliseu, por intermédio do próprio filho de François Mitterrand e um de seus assessores para assuntos africanos, Jean Christophe Mitterrand, confirmava formalmente a decisão, lembrando que a aprovação da idéia de conferência para discutir a dívida africana havia sido feita de forma clara na entrevista coletiva concedida pelo presidente da República.

Agora, após o sim do presidente, essa passou a ser a posição oficial da França, acrescentou o assessor do Palácio do Eliseu. A dívida africana de US\$ 158 bilhões em 1984 aumentou consideravelmente nos últimos 12 meses, atingindo US\$ 170 bilhões. Recente relatório do Banco Mundial considera perigosa a evolução da dívida africana, ressaltando a ineficiência das medidas adotadas. Assim sendo, a França, em primeiro plano como país credor na África, copatrocinando essa conferência, certamente será obrigada a um gesto em relação a seus amigos africanos, o que constituirá precedente que fará com que os demais endividados do mundo exijam tratamento idêntico não apenas dela, mas também dos demais países credores, principalmente os EUA e outros europeus.